

MEMÓRIAS
de machado de assis
PÓSTUMAS
de **BRÁSIAS**
CUBAS

textos informativos:
fátima mesquita



6ª impressão

© Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diretora comercial
Patth Pachas

Diagramação
Carla Almeida Freire

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Fotos
p. 27: © Rudy van der Veen/CC0; p. 39: © Segafredo18/CC BY-SA 3.0; pp. 41, 49, 53, 61, 127, 129, 187, 188, 221, 294, 314 e 319: domínio público; p. 65: © Dornicke/CC BY-SA 4.0; p. 151: © Michal Jarmoluk/CC0; p. 158: © Jjcardoso/CC BY-SA 3.0; p. 237: © Ron Porter/CC0; p. 282: © Rhubarb Farmer/CC BY-SA 3.0

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olivia Tavares

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Impressão
Loyola

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição de 1881, publicada por Typographia Nacional, Rio de Janeiro; na edição crítica de 1960, com estabelecimento de texto de Antônio Houaiss e Maria Figueiras, publicada por Ministério da Educação e Cultura e Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro; na edição de 1992, publicada por Aguilar, Rio de Janeiro; e na edição de 2008, publicada por Globo, São Paulo.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Assis, Machado de
Memórias póstumas de Brás Cubas / Machado de Assis. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2018. 356 pp. il.

ISBN: 978-85-7888-692-9

1. Romance brasileiro. I. Título.

18-47086

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

TUDO CONTRA, MAS O CARA ERA UM CRAQUE!

Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, filho de um brasileiro, Francisco, pintor de paredes, e uma portuguesa dos Açores, dona Maria, lavadeira que, no entanto, morreu quando ele tinha só dez anos de idade. O menino cresceu no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio da madrinha rica e da segunda mulher do Seu Francisco.

Sabia muito bem francês e latim, chegando a trabalhar como tradutor. Quando novo, descolou uns trocados vendendo

doces feitos pela madrasta e engraxando sapatos. Mais tarde, fez bicos de revisor, ralou em tipografia, foi funcionário público em variadas instâncias (começando como auxiliar do auxiliar e chegando até a diretor chefe). E escreveu: crítica de teatro, poema, resenha de debate do Senado, peça teatral, contos, romances, ensaios, artigos e crônicas para jornais e revistas e ainda soluções para jogos de xadrez.

Simmmm, quando não estava lendo, escrevendo ou vendo peças de teatro, o cara gostava de encarar uma partida de xadrez. Chegou a participar do primeiro campeonato do país, e as peças que ele usou neste torneio hoje estão expostas na Academia Brasileira de Letras.

Mas nada foi fácil pro Machado. O sujeito sofria de epilepsia, uma doença neurológica sem cura e carregada de preconceito, em especial naqueles tempos, porque, de repente, o cérebro da pessoa entra meio que em curto-circuito, com uma descarga elétrica embaralhando as coisas lá dentro. O doente pode, então, falar coisas sem pé nem cabeça, o corpo pode se movimentar sem controle ou a pessoa parece que está no mundo da lua, com o olhar perdido e fixo no nada, sem responder a nenhum estímulo, meio que ausente – ei, mas fica sussa que hoje em dia tem tratamento bem eficiente que não cura, mas controla legal a situação, deixando a pessoa viver uma vida mais tranquila.

Além disso, nosso amigo era negro e também meio gago. E, como você já deve ter sacado, bem pobre mesmo. Os pais do pai dele eram escravos alforriados que haviam trabalhado praticamente a vida toda pra família de sua madrinha. Ou seja, nosso Joaquim sofria preconceito a granel. Tipo 7 X 1. Toda hora, né? Mas era inteligente que só. Tinha esse supertalento atômico pra línguas. Aprendeu muita coisa (mas muita mesmo!) por conta própria, nos livros da biblioteca da família rica da madrinha e de tudo quanto era jeito que ele podia achar. Tinha esse apetite pra aprender. Voraz mesmo.

Foi casado com uma portuguesa, quatro anos mais velha que ele, a dona Carolina Augusta Xavier de Novais. Mas eles nunca tiveram filhos. Ela morreu antes. Machado ficou depri-

daço – estava também já cego. Faleceu aos 69 anos de idade, no mesmo Rio de Janeiro onde havia nascido. Deixou seus vários livros, sua obra, que já foi traduzida e estudada por tudo quanto é canto desse planeta Terra. O que é raro, bem raro mesmo para autores brasileiros.

Ah, e um causo divertido aqui: num dos seus livros, houve um erro de impressão numa frase. Onde devia se ler “lhe cegara o juízo”, lia-se “lhe cagara o juízo”! Ih, foi um corre-corre tipo Bolt pra tentar consertar a “cegada” (rs). Juntaram lá uma pá de gente tentando corrigir livro por livro antes daquilo tudo chegar na mão dos leitores. Em grande parte a tática deu certo, mas... uns exemplares com o erro escaparam. Hehehe, maus, hein?

UM PLAYBOY CHATO, UM POBRETÃO CRIATIVO E EU & VOCÊ

Uma vez um carinha disse pra mim, de repente: “Você viu que os Beatles gravaram uma música do Lulu Santos? *Lá vem o Sol*”. Eu, claro que ri muito, porque a música é dos Beatles. E o Lulu é que estava cantando uma versão, trocentas décadas depois, né? Mas isso acontece demais: o tempo passa, a novidade, a inovação é incorporada e a gente deixa de notá-la. Ou ela é tão copiada que chega a um ponto em que a gente acha tudo aquilo chato e sem graça. Os Beatles mudaram muitas coisas no mundo da música: inventaram a celebridade, introduziram as capas doidonas, os encartes malucos, meteram instrumentos e sons diferentes nos arranjos... Enfim, turbinaram tudo. Para sempre. E foram copiados. Muito. E hoje, quem está chegando, ouve aquele som e não consegue sacar o tamanho da revolução que aqueles carinhas fizeram, o impacto dos 2 mil tsunamis que eles causaram sobre o universo da música e sobre a cabeça de várias gerações de jovens.

Com Machado de Assis rola um troço bem parecido e ainda mais com este livro aqui. É que o *Memórias* trouxe pra nossa língua um jeito superdiferente de escrever. Hoje o cheiro de novidade e inovação dele pode não fazer mais tanto efeito, mas é preciso fazer um esforço e reconhecer que o cara era criativo e ponta de lança total – era mesmo um gênio!

Por exemplo, este livro aqui, que está nas suas mãos, foi o primeiro do Brasil a trazer um estilão realista de se contar uma história. Antes disso, os enredos eram todos meio babões, cheios de amores eternos, gente idealizada vivendo num mundo onde tudo era absoluto – ou preto ou branco. Sem nada no meio do caminho. Não havia na nossa literatura nada que abrisse espaço para os quinhentos tons de cinza (e suas complexidades todas) que a vida verdadeira nos oferece todo santo dia. Mas o Machado cortou esse papo e começou a dar a real. E de um modo engraçado e bem irônico.

O autor fica o tempo todo cutucando a hipocrisia e a falsidade que correm soltas na nossa sociedade (daqueles tempos e ainda de agora; daqui e do mundo todinho). Ele tira o maior sarro dos moralistas que falam um troço e fazem outro. E explora temas que antes não davam o ar da graça nos livros do país, como traição, egoísmo, o apadrinhamento para negócios e postos de trabalho, a corrupção, o jeitinho, o egoísmo, o jogo de interesses, os casamentos sem amor...

E ele faz tudo isso sendo abusado ao máximo, porque vem de cara com um narrador que está morto e no maior tédio lá na tal da eternidade. Um cara que era um playboy. Um desocupado sanguessuga da grana do pai que fracassou em absurdamente tudo que tentou fazer. Além disso, a narrativa não segue uma ordem cronológica. Ou seja, a obra é radicalmente fora dos padrões da época e cheia de momentos em que a gente dá uma risadinha por dentro, por conta do humor ferino do autor – que às vezes chega até a ser cruel.

A crueldade, no entanto, tem a ver também com o pessimismo do próprio Machado de Assis que está presente pelo texto afora. Machado vê o ser humano como uma criatura complexa, é muito crítico da sociedade e dos valores de então. Ele acha que no mundo tudo é relativo. E isso, na verdade, era supermoderno naquela época.

O que enche um pouco aqui é, claro, o vocabulário, que é antigo, mofado, e por isso mesmo muitas vezes desconhecido. E ainda o fato de o narrador ser um chato metido a intelectual, que fica arrotando citação de livros e poemas

e passagens da Bíblia e coisas da mitologia grega e romana. Mas se você conseguir engolir este sapo, acho que você vai curtir a história. E é por isso mesmo que me proponho a seguir ao seu lado, **"traduzindo"** os termos mais cabeludos e dando umas pitadas de contexto, umas dicas de vídeo, de Google, pra ver se você lê sem trupicar nesses perrengues e, quem sabe, chega até a se divertir com o talento desse carioca considerado genial por muita gente do mundo todo.

Aliás, o talento desse Joaquim Maria Machado de Assis (que nasceu pobre no Cosme Velho, bairro do Rio, era mulato nuns tempos ainda em clima de escravidão e também epilético) era tão grande que o cabra ganhou até o título informal de Bruxo do Cosme Velho. Porque o que ele faz com as palavras é quase bruxaria mesmo, de tão mágico e diferente, em especial para os padrões daqueles tempos. Então, fica aqui o convite: deixa os seus pré-conceitos de lado e... bora conferir?

Fátima Mesquita

f Fotos para contextualizar a cena.

g Sugestões de pesquisa na internet.

t Comentários curtos e bem-humorados.

YouTube Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

	Prólogo da quarta edição	15
	Dedicatória	17
	Ao leitor	18
I	Óbito do autor	19
II	O emplasto	23
III	Genealogia	25
IV	A ideia fixa	27
V	Em que aparece a orelha de uma senhora	29
VI	<i>Chimène, qui l'eût dit? Rodrigue, qui l'eût cru?</i>	31
VII	O delírio	34
VIII	Razão contra sandice	41
IX	Transição	43
X	Naquele dia	44
XI	O menino é pai do homem	47
XII	Um episódio de 1814	51
XIII	Um salto	57
XIV	O primeiro beijo	60
XV	Marcela	63
XVI	Uma reflexão imoral	67
XVII	Do trapézio e outras cousas	68
XVIII	Visão do corredor	72
XIX	A bordo	74
XX	Bacharelo-me	80
XXI	O almocreve	82
XXII	Volta ao Rio	85
XXIII	Triste, mas curto	87
XXIV	Curto, mas alegre	89
XXV	Na Tijuca	91
XXVI	O autor hesita	94
XXVII	Virgília?	97
XXVIII	Contanto que...	99
XXIX	A visita	101
XXX	A flor da moita	103

XXXI	A borboleta preta	105
XXXII	Coxa de nascença	107
XXXIII	Bem-aventurados os que não descem	109
XXXIV	A uma alma sensível	111
XXXV	O caminho de Damasco	112
XXXVI	A propósito de botas	114
XXXVII	Enfim!	116
XXXVIII	A quarta edição	118
XXXIX	O vizinho	121
XL	Na sege	123
XLI	A alucinação	125
XLII	Que escapou a Aristóteles	127
XLIII	Marquesa, porque eu serei marquês	128
XLIV	Um Cubas!	130
XLV	Notas	132
XLVI	A herança	133
XLVII	O recluso	136
XLVIII	Um primo de Virgília	138
XLIX	A ponta do nariz	140
L	Virgília casada	142
LI	É minha!	144
LII	O embrulho misterioso	146
LIII	149
LIV	A pêndula	151
LV	O velho diálogo de Adão e Eva	153
LVI	O momento oportuno	155
LVII	Destino	157
LVIII	Confidência	159
LIX	Um encontro	161
LX	O abraço	165
LXI	Um projeto	167
LXII	O travesseiro	169
LXIII	Fujamos!	170

LXIV	A transação	175
LXV	Olheiros e escutas	178
LXVI	As pernas	181
LXVII	A casinha	183
LXVIII	O vergalho	185
LXIX	Um grão de sandice	187
LXX	Dona Plácida	188
LXXI	O senão do livro	190
LXXII	O bibliômano	191
LXXIII	O <i>luncheon</i>	193
LXXIV	História de Dona Plácida	195
LXXV	Comigo	198
LXXVI	O estrume	200
LXXVII	Entrevista	201
LXXVIII	A presidência	203
LXXIX	Compromisso	205
LXXX	De secretário	207
LXXXI	A reconciliação	209
LXXXII	Questão de botânica	212
LXXXIII	13	214
LXXXIV	O conflito	217
LXXXV	O cimo da montanha	219
LXXXVI	O mistério	221
LXXXVII	Geologia	222
LXXXVIII	O enfermo	224
LXXXIX	<i>In extremis</i>	227
XC	O velho colóquio de Adão e Caim	229
XCI	Uma carta extraordinária	231
XCII	Um homem extraordinário	233
XCIII	O jantar	235
XCIV	A causa secreta	237
XCV	Flores de antanho	239
XCVI	A carta anônima	240

XCVII	Entre a boca e a testa	242
XCVIII	Suprimido	243
XCIX	Na plateia	245
C	O caso provável	247
CI	A revolução dalmata	249
CII	De repouso	251
CIII	Distração	252
CIV	Era ele!	255
CV	Equivalência das janelas	258
CVI	Jogo perigoso	259
CVII	Bilhete	261
CVIII	Que se não entende	262
CXIX	O filósofo	264
CX	31	267
CXI	O muro	268
CXII	A opinião	270
CXIII	A solda	272
CXIV	Fim de um diálogo	273
CXV	O almoço	275
CXVI	Filosofia das folhas velhas	277
CXVII	O Humanitismo	279
CXVIII	A terceira força	283
CXIX	Parêntesis	284
CXX	<i>Compelle intrare</i>	286
CXXI	Morro abaixo	287
CXXII	Uma intenção mui fina	290
CXXIII	O verdadeiro Cotrim	291
CXXIV	Vá de intermédio	294
CXXV	Epitáfio	295
CXXVI	Desconsolação	296
CXXVII	Formalidade	299
CXXVIII	Na câmara	301
CXXIX	Sem remorsos	302

CXXX	Para intercalar no capítulo CXXIX	303
CXXXI	De uma calúnia	304
CXXXII	Que não é sério	306
CXXXIII	O princípio de Helvetius	307
CXXXIV	Cinquenta anos	308
CXXXV	<i>Oblivion</i>	310
CXXXVI	Inutilidade	312
CXXXVII	A barretina	313
CXXXVIII	A um crítico	316
CXXXIX	De como não fui ministro d'Estado	317
CXL	Que explica o anterior	318
CXLI	Os cães	320
CXLII	O pedido secreto	322
CXLIII	Não vou	325
CXLIV	Utilidade relativa	326
CXLV	Simples repetição	327
CXLVI	O programa	328
CXLVII	O desatino	330
CXLVIII	O problema insolúvel	328
CXLIX	Teoria do benefício	330
CL	Rotação e translação	336
CLI	Filosofia dos epitáfios	338
CLII	A moeda de Vespasiano	339
CLIII	O alienista	340
CLIV	Os navios do Pireu	342
CLV	Reflexão cordial	344
CLVI	Orgulho da servilidade	345
CLVII	Fase brilhante	346
CLVIII	Dous encontros	348
CLIX	A semidemência	349
CLX	Das negativas	351

PRÓLOGO DA QUARTA EDIÇÃO

A primeira edição destas *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi feita aos pedaços na *Revista Brasileira*, pelos anos de 1880. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em vários lugares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei ainda alguma cousa e suprimi duas ou três dúzias de linhas. Assim composto, sai novamente à luz esta obra que alguma benevolência parece ter encontrado no público.

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As *Memórias póstumas de Brás Cubas* são um romance?”. Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”. Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho. Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.

Machado de Assis

AO VERME
QUE
PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES
DO MEU CADÁVER
DEDICO
COMO SAUDOSA LEMBRANÇA
ESTAS

MEMÓRIAS PÓSTUMAS

Este trecho não existia quando estas Memórias foram publicadas pela primeira vez, em folhetins, na Revista Brasileira, em 1880.

No século XIX, os folhetins funcionavam como as novelas hoje em dia. As histórias eram publicadas em capítulos nos jornais. O pessoal às vezes comprava o jornal só para acompanhar o enredo. Vários livros hoje considerados clássicos da nossa terra nasceram assim, aos pedaços, em suaves prestações.

Brás Cubas compara seu estilo literário ao de três autores da época:

- Stendhal, pseudônimo do escritor francês Henri Marie Beyle (1783-1842), que em 1830 publicou sua primeira obra-prima: *O vermelho e o negro*, uma crônica da sociedade francesa.

- Laurence Sterne (1713-1768), irlandês que, com muito bom humor, escreveu *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. No livro, o personagem principal narra tudo ainda antes de nascer.

- Xavier de Maistre (1763-1852), escritor francês conhecido pelo seu famoso livro *Viagem ao redor do meu quarto*.

AO LEITOR

Que **Stendhal** confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevia-a com a pena da **galhofa** e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse **conúbio**. Acresce que a gente **grave**

achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente **frívola** não achará nele o seu romance usual; e, -lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas **nimiamente** extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um **piparote**, e adeus.

Brás Cubas

Galhofa: bagunça, palhaçada.

Conúbio: casamento.

Grave: sério.

Frívolo: quem se ocupa de coisas tolas, sem importância, fúteis.

Nimiamente: do latim, nimio, e quer dizer "muito", "demais da conta".

Piparote: peteleco.

I

ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a **campa** foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no **introito**, mas no **cabo**: diferença radical entre este livro e o **Pentateuco**.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de **Catumbi**. Tinha uns 64 anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por 11 amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a interca-

Campa: sepultura.

Introito: entrada, começo.

Cabo: fim.

E O Antigo Testamento, primeira parte da Bíblia, é composto por cinco livros. O conjunto desses livros é chamado de Pentateuco.

E Catumbi era um bairro de classe alta do Rio de Janeiro.

E Na peça de Shakespeare, *Hamlet* diz esta frase, que significa “reino desconhecido” ou “reino da morte”.

Carpir: lamuriar, chorar.

lar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: – “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói a natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o **undiscovered country de Hamlet**, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, – a filha, um lírio-do-vale, – e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se **carpisse**, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos 64 anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

– Morto! morto! dizia consigo.

Este trecho aqui é uma referência a um livro escrito pelo francês François-René de Chateaubriand em 1811 e intitulado *Itinerário de Paris a Jerusalém*. Ilisso é um rio em Atenas, Grécia, que hoje está praticamente todo canalizado. A ave, então, voava da beira desse rio grego em direção à costa (riba) da África.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o **Ilisso** às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, – a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das da-



Correeiro: quem
produz correias
ou coisas usando
o couro como
matéria-prima.

mas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um **correeiro**. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e cousa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

II

O EMPLASTO

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chá-cara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas **cabriolas de volatim**, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um **emplasto** anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na **petição** de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens **pecuniárias** que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver im-

Cabriola (cambalhota) de volatim (acrobata).

Emplasto é um adesivo que traz o princípio ativo de um medicamento. É muito comum usar hoje em dia para dores musculares.

Petição: pedido feito a um juiz.

Pecuniário: dinheiro.

Arruído é barulho, estrondo. O que Brás queria era fama; era aparecer, ter cartaz, ser olhado como se fosse aqueles foguetes de festa que enchem o céu de "lágrimas" coloridas. Ou, como ele diz logo depois, tinha sede de nomeada – de ver seu nome brilhar.

E Prebenda: salário de padre (cônego). Já "inteira" quer dizer "salário integral".

O terço aqui não tem nada a ver com reza: ele é o nome dado a um bando de soldados dentro de uma organização do exército de então. Um terço reunia quatro companhias, com um total de homens que equivalia a 1/3 da unidade superior, que era o regimento de ordenanças.

pressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a **paixão do arruído**, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me não de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória.

Um tio meu, **cônego de prebenda inteira**, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos **terços de infantaria**, que o amor da glória era a cousa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.



III

GENEALOGIA

Mas, já que falei nos meus dous tios, deixa-me fazer aqui um curto esboço genealógico.

O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era **tanoeiro** de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas **patacas**, até que morreu, deixando grosso **cabedal** a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós – dos avós que a minha família sempre confessou –, porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha.

Como este **apelido** de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando

Tanoeiro: quem faz ou conserta tonéis, barris.

Pataca: moeda, dinheiro.

Cabedal: riquezas.

Apelido: sobrenome.

Calembour: trocadilho.

Os “fumos” aparecem aqui como “fumaça”, pra dizer que o pai era só um pouco bobo. “Pacholice” significa “bobagem”.

Mourisca: vem de “mouro”, palavra usada pra falar dos árabes do Norte da África.

trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um **calembour**. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns **fumos de pacholice**; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor, Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas **mouriscas**.

Vivem ainda alguns membros da minha família, minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio-do-vaie, que é a flor das damas do seu tempo; vive o pai, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez com o nosso emplasto.



IV

A IDEIA FIXA

A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituía-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um **argueiro**, antes uma trave no olho. Vê o **Cavour**; foi a ideia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna **loureira**. Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um simplório, – ou “uma abóbora” como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dous cé-sares, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, foi o “abóbora” de Sêneca. E tu, madama Lucrecia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

Argueiro: cisco.

Conde de Cavour foi um dos líderes da unificação da Itália. Otto von Bismarck foi o grande líder da unificação da Alemanha.



f O autor diz aqui como a história é sempre contada pelos vencedores, aqueles que recebiam uma coroa feita com folhas de louro (loureira).

E Não se apavore com este trecho, não... Ele só diz que dependendo de quem conta a história, a visão muda. Uma pessoa é pintada como herói por um autor. Vem outro historiador e nos mostra que o cara não era tão heroico assim, ou vice-versa.

Dieta: nome dado ao poder legislativo em certos países. No Brasil, a gente chama de Congresso. No Japão e na Alemanha, o negócio é conhecido como Dieta.

Pachorra: paciência.

O reinado de Carlos I era uma crise só lá na Inglaterra. E o negócio ficou tão feio que degingolou para uma guerra civil. De um lado estavam os anglicanos na defesa do monarca. Na outra ponta havia os protestantes seguidores do calvinismo, conhecidos como puritanos. O líder dos puritanos era um tal de Oliver Cromwell que, de fato, conseguiu depor o rei, criando a República de Cromwell, que era tão autoritária quanto os reis mais absolutistas que o povo de lá já conheceu.

Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à ideia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doudos; a ideia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios, – fórmula Suetônio.

Era fixa a minha ideia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada **dieta germânica**. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos.

Todavia, importa dizer que este livro é escrito com **pachorra**, com a pachorra de um homem já desafrentado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, cousa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

Vamos lá; retifique o seu nariz, e tornemos ao emplasto. Deixemos a história com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão de Augsburg; pela minha parte, se alguma vez me lembro de **Cromwell**, é só pela ideia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas. Não se riam dessa vitória comum da farmácia e do puritanismo. Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem? Mal comparando, é como a arraia-miúda, que se acolhia à sombra do castelo feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castelã... Não, a comparação não presta.



EM QUE APARECE A ORELHA DE UMA SENHORA

Se não quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a ideia fixa dos doudos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas, e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão **excelso** espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia **aziago**, e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes.

Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a galgar o **cimo** de um século, e a figurar nas folhas públicas, entre **macróbios**. Tinha saúde e robustez. Suponha-se que, em vez de estar lançando os alicerces de uma invenção farmacêutica, tratava de coligir os elementos de uma instituição política,

Excelso: sublime.

Aziago: azar.

Cimo: topo,
cume.

Macróbio: um ser
que vive muito.

ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence em eficácia o cálculo humano, e lá se ia tudo. Assim corre a sorte dos homens.

Com esta reflexão me despedi eu da mulher, não direi mais discreta, mas com certeza mais formosa entre as contemporâneas suas, a anônima do primeiro capítulo, a tal, cuja imaginação à semelhança das cegonhas do Ilisso... Tinha então 54 anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amamos, ela e eu, muitos anos antes, e que um dia, já enfermo, vejo-a **assomar** à porta da **alcova**...

Assomar: surgir,
aparecer.

Alcova: quarto.